

A árvore e os frutos: um estudo comparativo entre *Os frutos da terra*, de André Gide, e *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro

ALEXANDRE LÚCIO SOBRINHO

Mestre pela Unesp/Assis, professor da UBC – Universidade Braz Cubas.

Resumo: André Gide foi autor de frases célebre, tais como “É a gratidão de meu coração que me faz inventar Deus continuamente”, a maioria delas inclusa em seus livros *Os Frutos da Terra* (1897) e *Os Novos Frutos* (1935). O primeiro livro é uma coletânea de frases, pensamentos e cenas idílicas, que têm o propósito de incitar no leitor o amor à vida, como religião, como celebração. Nosso propósito é analisar os pontos de contato entre essas obras de Gide, frequentemente conhecidas só pelo nome de *Os Frutos da Terra*, e o poema de Alberto Caeiro, “O Guardador de Rebanhos”. Essa investigação exporá algumas das fontes comuns em ambos os autores, tais como a filosofia de Nietzsche, a poesia de Lucrecio, a influência do ambiente helenístico, pastoril, e a poesia, afinal, de Walt Whitman. Concluímos que ambos os livros têm o objetivo de formar discípulos de uma nova religião, chamada *vitalismo*, por alguns, e de *contemplação*, por outros, dependendo de quanto se adira ao ocidentalismo de Gide ou ao orientalismo de Caeiro.

Palavras-chave: André Gide (1869-1951); Fernando Pessoa (1888-1935); Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Abstract: André Gide was the author of some excellent sentences, such as “The gratitude of my heart makes me invent God at every time”, much of them included in the books *The Fruits of the Earth* (1897) and *The New Fruits* (1935). The first of these books is a collection of sentences, thoughts and idyllic scenes, which have the purpose to incite in the reader the love of life, as a religion, as celebration. Our task is to analyze the common points between the works of Gide, often called only by the first name, and the poem by Alberto Caeiro, “The Cattle Keeper”. This investigation shows some of the common sources of both authors, such as the philosophy of Nietzsche, the poetry of Lucretius, the influence of Hellenistic ambience, or pastoral, and the poetry of Walt Whitman. We concluded that both works have the main task to make followers of a new religion, called *vitalism*, by some, and *contemplation*, by others, depending on how much one tends more to the Occidentalism of Gide or to the orientalism of Caeiro.

Keywords: André Gide (1869-1951); Fernando Pessoa (1888-1935); Friedrich Nietzsche (1844-1900).

“porque pelo fruto se conhece a árvore”
(Mt 12.33)

Começamos por falar de André Gide (1869-1951). Gide foi um escritor polêmico. Vida e obra são praticamente indissociáveis, quando da leitura de seus textos. De origem aristocrática, rígida formação protestante, mas homossexual declarado, trata-se de um ser fundamentalmente dividido, e

seu dilema (fé *versus* prazer carnal) reflete-se claramente em seus livros. Dir-se-ia que há duas personalidades: o Pastor e o Libertino, e ambos travam uma luta acirrada, frequentemente vencida pelo libertino...

Suas interpretações do Evangelho mereceram severas repreensões, a ponto de o escritor ser colocado, em vida, no *Index Librorum Prohibitorum* do Vaticano, muito antes de uma leva de escritores terem o mesmo destino, nos anos de 1960, o que confirma a intensa influência que Gide exerceu sobre as gerações que o procederam.

A tentativa de desvencilhar-se do protestantismo foi uma constante em sua vida. Em determinado período, procurou no Comunismo o verdadeiro Cristianismo, mas, abandonada essa ideia, prevaleceu a sua relação com o “Cristianismo primitivo”: a vontade de identificar Deus com a Natureza, e a Natureza com os sentidos.

Sua viagem à África, em busca de calor e de cura para a tuberculose, foi decisiva em sua carreira. Isso se deu em sua vida de jovem, em 1893 e 1894. A respeito do seu retorno à Europa, José Castello postula: “Quando voltou ao ambiente simbolista parisiense, já não era o mesmo homem. Trazia um ser primitivo dentro de si; e ainda que amordaçado, ele o sacolejava” (2001). Entretanto, Castello também comenta que a rígida formação protestante de Gide, mesmo depois de renegada, nunca deixou de agir em sua mente. Desse modo, a dialética entre “o espírito livre” e uma rigidez interior atrelada à culpa marcam a sua obra indelevelmente.

Digamos agora que se Adão e Eva foram expulsos do Éden por provarem do fruto proibido, foi a *romã* um dos motivos que separou Gide do puritanismo.

A “romã” é um fruto bastante peculiar, dada a sua brevidade, o que sintetiza tanto o estado de prazer quanto a juventude – o período de virilidade ou de ascensão humanas. E a *romã* aparece num livro que é o marco da carreira de André Gide, apontando para toda a sua filosofia. Trata-se, aliás, não de uma narrativa, mas, precisamente, de um compêndio de poesia em prosa, prosa em verso e notas filosóficas escritas num estilo completamente livre, notas de suas duas viagens ao norte da África, exaltações à vida, que foram denominadas sob o título de *Os Frutos da Terra*, livro publicado em 1897.

Vejamos um trecho de sua “Ronda da Romã”:

(...) Deixava-nos depois a boca áspera
 Que só curava comendo outro fruto;
 De imediato apenas, se somente durava o gozo
 O instante de saborear-lhe o sumo;
 E esse instante parecia tanto mais amável (...)
 (...)
 Depois, ai de nós, Nathanael, quem dirá
 Do amargo de nossos lábios?
 Nenhuma água os pôde lavar.
 O desejo desses frutos atormentou-nos até a alma.(...)

(...) Onde, Nathanael, em nossas viagens
 novos Frutos que nos deem outros desejos?”

(...) Alguns há cuja carne parece sempre fria, mesmo no
 [verão.
 (...) outros há cuja lembrança vale uma sede
 quando não se pode mais encontrá-los.
 Falar-te-ei das romãs, Nathanael?

O gosto dos fluidos sexuais, com seu amargor e semi-impermeabilidade; o prazer e o vício sexual são metaforizados, aqui, numa referência ao homossexualismo, ao qual Gide foi introduzido, na Argélia, por meio de Oscar Wilde, que lhe alugou um jovem árabe, num café, experiência descrita tacitamente em *Se o grão não morre* (1926).

Esse é o aspecto mais polêmico de *Os Frutos da Terra*. O livro mereceu uma sequência, em 1935, chamada *Os Novos Frutos*. Nela, os pensamentos ganham uma versão mais amadurecida, menos exaltada, ocorrendo uma mudança de tom que é semelhante àquela motivada pelo “Pastor Amoroso”, de Caeiro, que se junta estranhamente ao “Guardador de Rebanhos”, como um grande final.

E assim começam os pontos de contato entre Gide e Caeiro.

Além do fato de ambos os livros ganharem um “corretivo” ao final, outro ponto de convergência entre o livro de Gide e o poema de Caeiro é o fato de ambos se constituírem em críticas aos românticos tardios e aos simbolistas, ao espírito decadentista que ainda dominava a literatura europeia do final do século XIX. Gide fez parte dos salões parisienses, tendo, inclusive, frequentado o famoso círculo poético de Mallarmé, mas ironizaria o ambiente literário francês acidamente em *Paludes*, de 1895. Essa oposição ao esteticismo pode ser vista muito claramente nesta frase do prefácio retroativo a *Os Frutos da Terra*: “Escrevia este livro num momento em que a literatura cheirava furiosamente a convenção e a mofo [...]”.

No caso de “O Guardador de Rebanhos”, é tácita a negação dos esteticismos, já pela adoção de uma linguagem quase prosaica, que se casa à filosofia pregada, respeitante à ausência de hermetismos, ausência de complicações retóricas, e ausência de literariedade, enfim, tal como a entendiam (e ainda entendem) quantos trabalhem com o fato literário, e principalmente, o fato poético. Alberto Caeiro, assim como Chuang Tzu (séc. IV a.C.), e assim como vários autores orientais, é um antimetafísico e, portanto, um antirretórico.

Assim quer ser André Gide, também, um orientalizado. Mas ocupam-lhe demais a sua própria vida a investigação de sua autobiografia e a questão central do cristianismo como norma, *versus* o cristianismo como vivência. De qualquer forma, temos, nessa negação ao esteticismo, um segundo ponto de contato entre as obras.

N’*Os Frutos da Terra*, o narrador dirige seus conselhos a Nathanael, nome de um discípulo imaginário que, na verdade, é o leitor. Por sua vez, o narrador/cantor de *Os Frutos* foi discípulo de Ménalque, personagem que vem d’*As Bucólicas*, de Virgílio, e vem perigosamente, como um anunciador de todos os vícios e de todos os prazeres, sem que o narrador/Gide possa saber exatamente a diferença entre uns e outros. As *Bucólicas* (século I a.C.) são, como sabemos, diálogos travados entre pastores. E aqui começa o terceiro ponto de contato entre *Os Frutos da Terra* e “O Guardador de Rebanhos”: os pastores.

Como pastores surgem os personagens de *Os Frutos da Terra*: pastores de cabras do norte da África, e pastores fantasiados, os mesmos que habitariam uma Arcádia: Parménide, Théodose, Alcydes, e outros, que, numa mágica transposição, aparecerão vestidos de pessoas “reais” em *O Imoralista* (1902), versão romanceada em prosa, que narra a experiência decisiva de Gide no norte da África – não a experiência homossexual, mas a descoberta do sentido vital da vida, em total oposição ao clima sombrio de sua primeira juventude.

Em “O Guardador de Rebanhos” a figura do pastor é igualmente dupla: por um lado, o pastor de cabras, o pastor de gado, lembra a simplicidade à qual ambos os escritores aspiram; por outro lado, refere-se à educação que se quer dar ao gado (leitor) – embora a palavra “gado” seja depreciativa, em geral, em nossa sociedade, é adotada

com carinho por ambos os escritores. O fato é que ambos escrevem suas obras em tom didático, querendo ensinar seus discípulos, e acabam formando discípulos fervorosos.

Um quarto ponto de contato entre os livros está na poesia da Natureza. O poema de Caeiro é simples e despido de ornatos, sua linguagem é quase prosaica, e de fácil leitura. O mundo criado por Caeiro é tranquilo e quase imperturbável. Sugere uma paisagem aconchegante e de descanso. Aparentemente, o Eu do poema é sereno e calmo. E, como “novo Cristo”, assim como é “novo Cristo” o narrador de *Os Frutos da Terra*, é portador de uma “boa nova”.

Lucrécio (séc. I a. C.) foi o primeiro grande poeta da Natureza. “Na qualidade de discípulo e apóstolo de Epicuro, tem uma grande ambição: a de doutrinar e, para isso, uma das preocupações fundamentais que percorre sua linguagem é a da clareza” (GARCEZ, 1985, p. 34). Assim, temos uma importante fonte, uma importante árvore, donde procedem os frutos de André Gide e de Alberto Caeiro.

Nietzsche é outra dessas influências, embora no livro de Gide seja mais evidente a vontade de educar a “nova geração”, a geração dos “espíritos livres” nietzschianos, ao passo que essa vontade formativa encontra mais serenidade, mais *orientalidade*, em Alberto Caeiro.

Mas, continuando a falar de Lucrécio, Maria Helena Nery Garcez afirma que “sua filosofia é nitidamente sensualista e anti-religiosa” (1985, p. 35). E o “guardador de rebanhos” conhece o mundo através dos sentidos, como nos diz o poema 207: “Eu não tenho filosofia, tenho sentidos...”, ou o poema 214: “E os meus pensamentos são todos sensações”. Por isso, não crê em Deus, pois não O percebe sensualmente (poema 210). Vemos o mesmo sensualismo em André Gide. E em ambos os escritores, vemos esse compartilhar da filosofia de Lucrécio no que tange à religião como “temor dos deuses, que oprime o homem e o impossibilita de ser feliz” (GARCEZ, 1985, p. 35), como se torna patente neste fragmento d’*Os Frutos da Terra*:

Mandamentos de Deus, magoastes-me a alma.
Mandamentos de Deus, sois, em verdade, dez ou vinte?
Até onde estreitares vossos limites?
Ensinareis que há sempre maior número de coisas proibidas?
Novos castigos prometidos à sede de tudo que terei achado belo na terra?
Mandamentos de Deus, vós fizestes doente a minha alma,
Cercastes de muros as únicas águas que poderiam dessedentar-me.

Um pouco mais tarde, e voltando agora à influência de Nietzsche, Gide, a fim de propor uma nova ordem, apresenta-se com poderes para administrar o batismo em uma nova geração de homens, e recorre ao símbolo bíblico para sugerir essa intenção: “Adão novo, sou eu quem batiza hoje”. Não vemos a mesma *religião* em Alberto Caeiro?...

Muito de se poderia falar a respeito dessa tríade Lucrécio-André Gide-Alberto Caeiro, assim como da tríade formada entre os dois escritores e a filosofia de Nietzsche; mas estaremos, assim, perdendo a oportunidade de ampliar a comparação entre as duas obras. Há, por exemplo, que se mencionar a semelhança entre seus discursos e o discurso de São Francisco de Assis, em “Cântico do Sol”:

E delicioso o sol;
Deliciosa aos nossos pés nus a terra úmida,

E a areia molhada pelo mar;
Deliciosa para nos banharmos foi a água das fontes;
E para beijar os lábios desconhecidos que meus lábios tocaram na sombra...
Mas dos frutos – dos frutos –, Nathanael, que direi?

(*Ronda da Romã*, André Gide).

Louvado sejas, meu senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o senhor irmão sol,
o qual brilha, e alumia para elas [...]

Louvado sejas, meu senhor, pela irmã água,
A qual é muito útil, e humilde, e preciosa e casta [...]

Louvado sejas, meu senhor, pela irmã nossa mãe terra,
A qual nos sustenta e governa
E produz frutos diversos, com flores coloridas, e erva [...]

(“Cântico do Sol”, São Francisco de Assis).

O que mais nos chama a atenção, nos fragmentos acima, é a substituição de “Louvado sejas” por “delicioso (a)”. Garcez, ao confrontar o “Cântico do Sol” e “O Guardador de Rebanhos”, diz que “enquanto no cântico de Francisco o diálogo se estabelece com o interlocutor transcendente absoluto, o “Elyon”, na obra de Caieiro, marcada pela horizontalidade, o diálogo se estabelece com o homem” (1985, p. 96). E o diálogo de Gide também se estabelece com o homem, com o leitor: “Mas, Nathanael, aqui só te quero falar das coisas – e não da INVISÍVEL REALIDADE”.

Vejamos, agora, um sexto ponto de contato entre *Os Frutos da Terra* e “O Guardador de Rebanhos”: não há, nas obras, um “julgar”, “preocupar-se com” ou “pensar”. Há, pelo menos, um esforço de despreocupação, de liberdade de julgamento, de liberdade de não julgar. Ambas as obras se defrontam com o *Cogito, ergo sum*, de Descartes. No poema de Caieiro, o “Penso, logo existo” aparece em tom jocoso ou irônico, como no poema 207: “(pensar é estar doente dos olhos)”. E, em André Gide, temos o seguinte fragmento:

Penso, logo existo –
É nesse logo que tropeço.
Eu penso e eu sou; haveria mais verdade em:
Sinto, logo sou – ou mesmo: Creio, logo sou – pois isso equivale a dizer:
Penso que sou.
Creio que sou.
Sinto que sou. (...)

Penso portanto que sou – Penso que sou logo sou. – Pois não posso pensar senão em alguma coisa –
Ex.: Penso que Deus é
Ou
Penso que os ângulos de um triângulo são iguais a dois retos, logo sou. (...)

Penso: logo sou.

E igualmente: soffro, respiro, sinto: logo sou. Pois se não se pode pensar sem ser, pode-se ser sem pensar [itálicos do autor].

A ironia em Caeiro é mais sutil e sintética, enquanto Gide precisa discorrer longamente para chegar a um fim semelhante. Caeiro seria mestre de Gide, um Ménélaque, se se tivessem encontrado... Porém, enquanto Caeiro repudia o raciocínio, Gide afirma que “será chamado realmente forte o homem que se diz feliz e pensa”, o que manifesta uma dentre algumas divergências entre os autores, como os galhos se diferenciam, mesmo tendo saído de uma mesma árvore. Enquanto Caeiro nega o Eu e o pensamento subjetivo, por exemplo, Gide acredita na afirmação da vontade, e na superação do pensamento por meio dessa afirmação.

Finalmente, um sétimo e último ponto de encontro que queremos enfatizar – ou seja, uma última árvore que desejamos descrever como fonte das duas obras – é a obra de Walt Whitman (1819-1892).

Maria Helena Nery Garcez, tendo em mãos um importante texto do envelope 14b, de Fernando Pessoa, *Apreciações Literárias*, conseguiu decifrar os parágrafos iniciais do documento, que aponta as diferenças entre Walt Whitman e Alberto Caeiro. Pessoa, nele, afirma que “Caeiro é claro e Whitman é confuso. Caeiro é um ritmista mais suave que Whitman”; mais tarde: “Caeiro é tão parecido e tão diferente de Whitman. Ele é tão próximo e tão distante; se ele o conhecesse, ficaria mais próximo ou mais distante ainda”. Completa ainda, dizendo que “Whitman raramente tem a emoção sensível que é característica constante de Caeiro”.

Outro autor que identificou semelhanças entre Caeiro e Whitman foi Eduardo Lourenço. Para ele, o escritor americano surge como um decisivo exemplo de “liberdade e autolibertação”:

em Caeiro salta aos olhos a presença avassaladora, essencial e não meramente acidental ou decorativa, de Walt Whitman [...]. Com aparência de razão: Caeiro não é Whitman. Separa-o dele a distância que separa “a realidade” da imaginação dela: Caeiro é um Whitman “imaginário” ou antes, um Whitman em ideia (LOURENÇO, 1981, p. 44).

Por sua vez, André Gide encontrou no autor de *Folhas de Relva* a consolação para sua crise pessoal, enquanto lutava para se libertar do puritanismo e dos sentimentos ambíguos que sentia a respeito do próprio homossexualismo. Whitman, como sabemos, era homossexual, e cantou essa forma de amor em vários poemas. Certo estudioso da influência de Whitman sobre a obra de Gide, que infelizmente não lembramos para citar, comenta que “o francês, por intermédio do norte-americano, ‘trocou a leitura e o sonho pelo desejo e a vida’”, o que é muito, muitíssimo exato. Não existiria André Gide sem Walt Whitman, da mesma forma que não existiria Fernando Pessoa e seus heterônimos sem a presença antecessora desse gigante americano.

Ao final de nossas considerações, pudemos concluir que os pontos de encontro entre as obras de André Gide e de Alberto Caeiro são muito numerosos, mais do que pudemos imprimir nestas páginas. Podemos, entretanto resumi-los assim: tanto um quanto o outro anunciam um novo programa de vida, os narradores/cantores se apresentam como doutrinadores, pregando o “aprendizado de desaprender”, e afigurando-se com a envergadura bucólica, tanto quanto com a envergadura religiosa; ambos atacam o *farisaísmo* em todos os seus sentidos; seus textos são poéticos pela vontade de

cantar, e prosaicos pelo despojamento da retórica e do bem dizer como regra de estilo. Ambos são didáticos. Ambos são polêmicos e subversivos. E as diferenças de tom se manifestam num maior comedimento, em Alberto Caeiro, e numa exaltação que só será temperada, em André Gide, com a publicação de *Os Novos Frutos*.

Quanto à mudança de tom operada pelo “Pastor Amoroso” à obra de Alberto Caeiro “O Guardador de Rebanhos” – mudança que citamos no início do trabalho –, ela, infelizmente, é assunto para outra oportunidade, pois foge de nosso propósito, no momento, por exigir muito demoradas considerações. Entretanto, devemos esclarecer melhor o que quisemos dizer com “O Pastor Amoroso” ser para “O Guardador de Rebanhos” o que *Os Novos Frutos* são para *Os Frutos da Terra*: uma espécie de correção para os exageros da juventude. Maturidade.

Diz Alberto Caeiro, em *O Pastor Amoroso*:

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima...

Acreditamos que *O Pastor Amoroso* deve ter sido uma grande decepção para os seguidores de Alberto Caeiro, por mostrar um Caeiro amoroso. Apaixonado. Isso demonstra um alívio para a segura de “O Guardador de Rebanhos”, entretanto. Um roçar nítido pelo lado feminino da Natureza.

Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;

E essa mudança é percebida pelo cantor, que diz:

Tu não me tiraste a Natureza...
Tu mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.

Como não se emocionar com essa mudança:

Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.

Que se lixem os discípulos, se não compreendem a força do amor.
E uma tentativa camoniana de compreender o Amor.

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa

E a dor de perder o que pensa.

E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade no peito.

Amar é pensar.
E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.

Não sei o que hei-de fazer das minhas sensações.
Não sei o que hei-de ser comigo sozinho.
Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

Tal a maravilha do Amor.

Assim, *O Pastor Amoroso* corrige a falta de Amor expressa em “O Guardador de Rebanhos”, do mesmo modo que *Os Novos Frutos* corrige a exaltação de *Os Frutos da Terra*.

Acreditamos, por fim, ter abordado os aspectos a que nos propusemos: referenciar algumas das fontes comuns às obras de Alberto Caeiro e de André Gide. Desnecessário, talvez, reafirmar o valor dessas duas obras ainda em nossos dias. Todo o tempo, em todos os tempos, estamos às voltas com a rigidez, com o perigo do enrijecimento social, intelectual; e que pessoa não terá enfrentado, ao longo de sua vida, esses tempos de estagnação, em que a literatura, a vida em sociedade, cheiram a mofo?... Que pessoa não terá sentido, durante sua vida, a necessidade de ver o sol como sol, e de ver as pessoas como pessoas, de ver a *realidade*, enfim, tal como é, e não distorcida pelos preconceitos e pela educação? E quem não terá sentido a necessidade de simplesmente pousar os pés no chão, e ter as sensações vivas de quem quase perdeu sua vida? Quem não terá tido essa necessidade de amar a vida pelo que ela é? Despida das vestimentas do tempo e da cultura. Crua.

Bibliografia

CASTELLO, José. *André Gide e a energia do morador do abismo*. Disponível em <http://www.estado.com.br/editoriais/2001/02/18> – em português.

GARCEZ, Maria Helena Nery. *Alberto Caeiro/ “Descobridor da Natureza?”*. Porto: Centro de Estudos Portugueses, 1985.

GIDE, André. *Os Frutos da Terra*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.

LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa Revisitado*. 2 ed. Rio de Janeiro: Moraes, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *A Origem da Tragédia*. São Paulo: Moraes, (s/d).

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. 5 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.

VERGUEZ, André; HUISMAN, Denis. *História dos Filósofos Ilustrada pelos Textos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976.